

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DENISE MARQUES DA SILVA ALVES



1290005495



FE

UNICAMP

TCC/UNICAMP AL87e

**OS ESTÍMULOS DA TELEVISÃO E A GERAÇÃO
DA SÍNDROME DO PENSAMENTO
ACELERADO**

20130562

PREZADO LEITOR!

Ao retirar o material bibliográfico, você
torna responsável por ele. É proibida a
faça here in...
houver que...
ou exte...
sável pela...

A UNICAMP

CAMPINAS

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Denise Marques da Silva Alves

**Os Estímulos da Televisão e a Geração da
Síndrome do Pensamento Acelerado**

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
UNICAMP, para obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia, sob
a orientação do Prof^o Dr. Sérgio
Ferreira do Amaral.

Campinas

2010

UNIDADE:	FE
CHAMADA:	TCC/Urucamp
	AL87e
V:	EX:
Tempo:	5495
PROC:	130/11
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	14/04/11
COD. TÍTULO:	725246

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

AL87e Alves, Denise Marques da Silva.
Os estímulos da televisão e a geração da Síndrome do Pensamento Acelerado / Denise Marques da Silva Alves. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Sérgio Ferreira do Amaral.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Televisão. 2. Ansiedade. 3. Concentração. 4. Atenção. 5. Inquietação.
I. Amaral, Sérgio Ferreira do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-324-BFE

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, que faz parte do meu ser. Graças a vocês sou o que sou, cheguei até aqui e avançarei até onde o futuro me permitir.

Agradecimentos

Agradeço imensamente à minha família – pais, irmão, avós, tios e tias, primos e primas - por serem a minha base e me darem todo o apoio nos momentos bons e ruins.

Agradeço à minha segunda família, irmãs de república, que por meses após meses, anos após anos, me ajudaram a crescer e aprender o valor da convivência, da solidariedade e do companheirismo.

Agradeço à família do coração, que mais que amigos, provaram que nem o tempo e a distância pode apagar a importância de uma amizade, que dada por Deus, nos faz irmãos.

Agradeço aos amigos de perto e de longe, não importa de onde venham ou onde estejam, sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço aos colegas da FE (Faculdade de Educação) e da Unicamp que em meio às aulas, aos trabalhos em grupo e aos estágios, me acompanharam durante estes quatro anos de estudos e crescimento intelectual.

Agradeço aos professores e funcionários da FE que sempre nos deram suporte (físico e intelectual) para seguir em frente durante essa jornada de estudos.

E agradeço principalmente e acima de tudo a Deus, por tudo o que este curso me proporcionou, desde novos amigos e mestres, até um grande crescimento intelectual e da força para seguir nesta profissão que tanto exige, mas que está presente no passado, no presente e no futuro de todo cidadão.

"Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança e de cada jovem. Só não consegue descobri-lo quem está encarcerado dentro do seu próprio mundo" (AUGUSTO JORGE CURY, 2003, p. 11).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivos verificar a quantidade de horas que os alunos passam na frente da TV e como ou em que medida isso influencia na geração da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), ou seja, no aumento de sua ansiedade e na diminuição de sua concentração em sala de aula. A televisão está sendo vista como uma concorrente da escola, e essa grande audiência pode acarretar em problemas como cansaço mental, excesso de carga emotiva, danos nos olhos e no desempenho escolar. E para amenizar estes e outros efeitos negativos da televisão, pais e professores precisam tomar conhecimento dos papéis da memória e das influências sociais, psicológicas e neurológicas da TV, e das ferramentas necessárias para amenizar estes efeitos.

Palavras-chave: *televisão, ansiedade, concentração, atenção, inquietação.*

ABSTRACT

The objective of this research is to verify the quantity of hours that the students spend in front of the TV, Influences in generating the Accelerated Thought Syndrome, which is the increase of anxiety and lack of concentration in classroom. Television is being viewed as a concurrent of the school, and this large audience can result in mental fatigue, emotional everload, eye damage and in a low school performance. To mitigate these and other negative effects of television, parents and teachers need to be aware of the roles of memory, and of social, psychological and neurological influences of TV, and of the tools needed to minimize these effects.

Keywords: television, anxiety, concentration, attention, unrest.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	11
3. METODOLOGIA	13
4. UMA BREVE HISTÓRIA	15
5. A GERAÇÃO DA IMAGEM	17
6. A TV E AS CRIANÇAS	20
7. AS INFLUÊNCIAS DA TV	23
8. ESTUDOS DE CASO	29
9. EM DEFESA DA TV	41
10. A TV E A EDUCAÇÃO	43
11. AS INFLUÊNCIAS NEUROLÓGICAS DA TV	48
12. A SÍNDROME DO PENSAMENTO ACELERADO	53

<u>13. EXISTE SOLUÇÃO?</u>	<u>55</u>
<u>14. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>62</u>
<u>15. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>64</u>

1. Introdução

Desde a década de 1950, quando os aparelhos televisivos chegaram ao Brasil juntamente, de acordo com Teixeira (1987) com os novos costumes de um contexto social que impõe aos familiares o trabalho fora do lar e a ausência de uma estrutura social com espaços físicos que proporcionam lazer; a criança fica aprisionada entre quatro paredes, e passa a ter como única alternativa de entretenimento a televisão. Esses fatores fizeram com que vivêssemos em um mundo da visualidade, no qual a imagem possui muito mais valor que o som.

De acordo com as pesquisas utilizadas neste trabalho, entre elas Carvalho (1997), constatou-se que as crianças destinam mais tempo assistindo as emissões televisivas do que as outras atividades de lazer. Devido às várias horas que as crianças passam na frente da TV, algumas vezes até mais do que passam na escola, a televisão está sendo vista como uma concorrente da escola. Pois suas imagens e linguagem curtas e com trocas rápidas provocam um novo ritmo de atividade mental, enquanto que o professor deixou de estimulá-los. A TV exerce um fascínio e uma atração que a aula não consegue obter.

Se as crianças têm livre acesso à TV, sua adesão a esse tipo de meio de comunicação será grande, e essa grande audiência poderá acarretar em problemas como cansaço mental, excesso de carga emotiva, danos nos olhos e no desempenho escolar. E para amenizar estes e outros efeitos negativos da televisão, entre eles, de acordo com Cury (2003) a geração da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), pais e professores precisam tomar conhecimento dos papéis da memória e das influências sociais, psicológicas e neurológicas da TV, e das ferramentas necessárias para amenizar estes efeitos.

2. Objetivos

Por todos os lugares, professores e quaisquer profissionais da educação reclamam sobre a falta de atenção e de concentração dos alunos nas escolas. Isso se deve, entre outros motivos, ao sistema social que estimulou de maneira equivocada os fenômenos que constroem os pensamentos. Devido a isso a qualidade e a velocidade dos pensamentos mudaram, e um dos focos dessa mudança, segundo Augusto Cury (2003), é o tempo excessivo que nossas crianças e jovens passam na frente da TV; pois, de acordo com uma pesquisa feita por Lucimeire de Carvalho (1997), o tempo destinado a assistir TV, muitas vezes, é maior que o tempo que algumas das crianças passam na escola.

Esta pesquisa tem como objetivos verificar, a partir de pesquisa bibliográfica, a quantidade de horas que os alunos passam na frente da TV e como ou em que medida isso influencia na geração da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), ou seja, no aumento de sua ansiedade e na diminuição de sua concentração em sala de aula. Ou seja, o objetivo é verificar a quantidade de horas que os alunos passam na frente da TV, se eles sentem dificuldades de se concentrar, de manter sua atenção focada por um tempo razoavelmente grande e se eles se sentem ansiosos, principalmente após passar algumas horas na frente da TV, se os professores notam uma maior agitação neles depois de receberem esses estímulos. E se apenas esses estímulos televisivos causam o pensamento acelerado, ou existem outros fatores que influenciam somados a eles, como problemas familiares, dificuldade em algumas matérias na escola, desinteresse em relação a algumas aulas e etc. Se esta regra é geral, ou seja, se todos que são expostos a esses estímulos várias horas por dia sofrem essas conseqüências, como afirmam Cury

(2003) e Marie Winn (1979) citada por Carvalho (1997), ou se a reação diante dos estímulos televisivos varia de acordo com alguns fatores internos e externos, como afirma Laura Bastos (1988).

Existem poucas pesquisas destinadas a este assunto, mas algumas divergem quanto as suas conclusões. Devido a essas divergências, esta pesquisa pretende verificar se esses estímulos influenciam ou não, e em que medida, na vida dessas crianças; e se eles influenciam todas e quaisquer crianças e jovens, como afirma o Cury (2003). E se isso for verificado, propiciar às pesquisas futuras, a possibilidade de encontrar uma solução para o convívio sadio entre a escola e a TV, pois, os professores foram educados em outra época vêem-se perplexos diante dessa nova realidade, na qual a TV se instalou como uma desleal concorrente da atividade escolar.

muito mais produtivo realizar uma pesquisa bibliográfica com fontes diversas e suficientes para embasar este trabalho, fazendo desta revisão uma base teórica consistente para uma futura pesquisa de campo.

Contudo, no decorrer da pesquisa, pode-se verificar a ausência de textos, artigos e livros a respeito da teoria de Cury (2003), e apenas a presença de material explorando as influências da TV de maneira mais generalizada, e não especificamente sobre esta teoria. Assim, o foco do trabalho teve que ser ampliado, abordando o assunto de maneira mais abrangente, porém, sem descartar a teoria da SPA, mas usando-a como exemplo norteador da pesquisa.

As fontes que foram utilizadas para esta revisão bibliográfica são materiais instrucionais, como livros e trabalhos de conclusão de curso da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas; e artigos científicos publicados em revistas científicas e periódicos eletrônicos disponibilizados na base de dados Scielo e PubMed. A estratégia de busca utilizada para esta revisão é a pesquisa através de palavras-chave como *televisão, TV, aparelho televisivo, emissões televisivas, ansiedade, concentração, atenção, inquietação, criança, adolescente, alunos, professores, educação, e ensino*; não necessariamente nesta ordem, e combinadas de diferentes maneiras.

4. Uma breve história

Os aparelhos televisivos chegaram ao Brasil em 18 de setembro de 1950, graças ao empresário Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o qual inaugurou a *TV Tupi* em São Paulo. No princípio, os técnicos, apresentadores e artistas de teatro traziam para a televisão suas experiências profissionais da rádio, do circo e do teatro e aos poucos, muitos outros profissionais do meio artístico e literário foram sendo atraídos para trabalhar na TV. No ano seguinte, iniciou-se a produção nacional dos aparelhos televisivos. Em 1964, os aparelhos foram distribuídos para 56% da população. Na década de 60, o uso do videocassete proporcionou um aprimoramento dos programas, podendo organizar a programação de maneira antecipada. Proporcionou, também, o agrupamento das emissoras em redes, como a *Rede Globo de Televisão*, *Sistema Brasileiro de Televisão*, *TV Bandeirantes*, *Rede Manchete de Televisão* e *TV Record*; e as TVs Educativas (não comerciais) agruparam-se no *Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa*.

Inserida nessa realidade e diante da ausência de uma estrutura social que garanta “a existência de centros comunitários, creches, ou simples espaços físicos destinados ao lazer comunitário participativo” (TEIXEIRA, 1987, p. 12) a criança aprisionada entre quatro paredes tem como única alternativa a televisão. E num contexto social onde a mãe precisa sair do lar para contribuir com o orçamento doméstico, geralmente a criança passa grande parte do dia diante do aparelho de televisão.

“Em sua edição de 21 de maio de 1979 o jornal Folha de São Paulo publica uma reportagem com o título “A cidade em que brincar é proibido – A insensibilidade das autoridades está mutilando o desenvolvimento das crianças de São Paulo” – assinada por Gisella Bisordi. Essa reportagem

exemplifica claramente o problema. “Na semana passada, três crianças de 4, 6 e 8 anos fugiram de casa, no bairro da Bela Vista, e foram à Praça da Sé, onde nadaram no espelho d’água, andaram de escada rolante, viram metrô e o parquinho recentemente instalado junto à praça. Segundo disseram, estavam cansados de brincar no parquinho do prédio onde moram. *‘É pequeno demais, e o zelador vive implicando com a gente’.* Era a segunda vez em menos de uma semana, que uma dessas crianças, a menor delas, fugia para ir brincar em outro lugar. *‘A culpa é da cidade grande que não propicia lazer às crianças’*, sentenciou o policial que trouxe para casa na primeira vez’.

Na cidade de São Paulo, segundo informações do plantão permanente do Comissariado de Menores, em média, seis menores fogem de casa por dia. Fernando Pacheco, Coordenador de Plantão, aponta que as fugas para brincar em outro lugar são muito comuns, embora a média diária de desaparecimento cresça em 50% nos meses de férias” (TEIXEIRA, 1987, p. 12).

Os novos costumes que a sociedade moderna industrial impõe à instituição familiar urbana, os quais submetem os familiares ao trabalho fora do lar, e a escassez de espaços físicos que proporcionam lazer, levam a criança a buscar regularmente a companhia do televisor como fonte única para preencher sua solidão e gerar entretenimento.

O processo de teledependência, segundo Erausquin, Matilla e Vázquez (1983, p. 17), não advém somente do surgimento da televisão, pura e simplesmente, mas também das condições de vida nas grandes cidades, como a motorização, e “o grau de dependência internacional, o valor da informação em nível de relações empresariais, ou da guerra fria entre os blocos políticos” (ERAUSQUIN, 1983, p. 17). E também, a cidade que foi espaço aberto para encontro dos cidadãos e brincadeiras das crianças, hoje se submete à dinâmica da restrição e do controle. O que ocorre, também, em casa, pois a ordem e a limpeza não são compatíveis com as necessidades das crianças. Assim, não é de se estranhar que a criança veja a TV como “uma evasão, como um lugar onde simbólica e imaginativamente pode desenvolver a liberdade lúdica que lhe é negada na materialidade dos espaços cotidianos do solo familiar, da escola e da rua” (ERAUSQUIN, 1983, p. 26). Sem ignorar o fato de que “há um completo abandono da promoção de entretenimento e

espetáculos de maior valor cultural e de superior possibilidade de participação que os propostos através da televisão” (ERAUSQUIN, 1983, p. 26).

Também Erausquin, Marilla e Vázquez (1983) atribuem a dependência infantil à televisão ao reduzido espaço público – *“caracterizado por pequenos parques com aparelhos de brincar sempre iguais e submetidos a controle (normas)”* (BARROS NETA, 2001, p. 18) – e ao espaço privado – o qual *“instala-se no próprio lar, devido à organização da casa e ao controle familiar”* (BARROS NETA, 2001, p. 18).

“Sem espaço e sem liberdade para brincar, a criança é, por assim dizer, “forçada” a uma atitude passiva diante do televisor, levando-a a pensar que a forma de realizar suas brincadeiras é esta. Na verdade, a impossibilidade de realização concreta de brincadeiras pelas crianças se deve à ordem pública, familiar e escolar instituída” (BARROS NETA, 2001, p. 18).

5. A geração da imagem

Vive-se, já há certo tempo, em um mundo da visualidade. Nesse mundo, o valor da imagem é maior que o valor do som. Essa predominância do visual sobre o auditivo pode ser exemplificada pela comparação entre o preço da televisão e o preço do rádio. O que custa mais caro é a televisão. Assim como, na cultura da visualidade, o maior temor das pessoas é perder a visão, e não a audição. Imerso nesta cultura da visualidade, Baitello (1997) pergunta

“se nós não estaremos nos tornando surdos nesta civilização da visualidade, se nós não estamos nos coagindo ou se estamos sendo coagidos a esquecer o que ouvimos em função de que somos obrigados a ver, e enxergar o tempo todo” (BAITELLO, 1997, p. 06).

Mas, continua o autor, a *“civilização da visualidade não significa somente ‘ver imagens’ opticamente, mas também ver imagens onde elas não estão, projetar imagens onde elas não estão visualmente presentes, atribuir valores imagéticos”* (BAITELLO, 1997, p. 07). Nesse sentido, Baitello (1997) afirma que o tempo da visualidade é mais curto e veloz que o tempo da audição, ou seja, tudo que é visível morre mais rápido, o que faz com que se viva num universo descartável. Pois se lembra muito mais do que se conversou e se experimentou em um evento do que de seus cartazes e de sua visibilidade.

O filósofo e musicólogo Joachim-Ernst Berendt (1986 citado por Baitello, 1997, p. 02), fala do sentido “masculino” invasivo do olhar e do “feminino”, receptivo do ouvir. Por isso ocorre o predomínio da visão ou da audição, pois para recebermos imagens devemos ser ativos e direcionar nosso olhar para algum objeto, já para ouvir sons precisamos apenas ser passivamente receptivos. Mas, quanto mais nos

tornamos visíveis, mais invisíveis estaremos nos tornando. *“Quanto mais inflarmos a imagem, mais estaremos contribuindo para que o outro não nos veja mais, para que ele se torne cego ou insensível”* (BAITELLO, 1997, p. 19).

“O ouvir nos permite gerar imagens, nossas próprias imagens, e essas são imagens geradas por nexos, sentidos e não são imagens oferecidas prontas de maneira a cercear a capacidade imaginativa. Imaginação vem de imagem. Mas é a geração de imagens. E esta geração de imagem é provavelmente mais fértil no tempo do ouvir do que no tempo do ver” (BAITELLO, 1997, p. 27).

“E como todos somos obrigados a ter imagens, imagens com alto grau de visibilidade, vivemos na era da saturação da visibilidade e da imagem” (BAITELLO, 1997, p. 08). Foi a visão que proporcionou o desenvolvimento da conservação da informação e que abriu as portas para a escrita como o livro e a imprensa. Porém, *“toda mídia tem seu limite de saturação e toda saturação leva a um torpor. (...) Não estaremos hoje diante de um quadro de evidente cansaço da visão?”* (BAITELLO, 1997, p. 14).

6. A TV e as crianças

O professor Samuel Pfromn Netto (1977 citado por TEIXEIRA, 1987, p. 25) afirma que as crianças brasileiras vêem mais televisão do que as crianças de outros países, cerca de 3 a 4 horas por dia, e até mais nos finais de semana. Assim, chamando a TV de “escola paralela”, cita o fato de crianças com menos de 12 anos passarem mais tempo diante da “*escola’ da televisão, do que na sala de aula*” (TEIXEIRA, 1987, p. 25).

De acordo com as pesquisas aqui citadas, constatou-se que as crianças destinam mais tempo assistindo as emissões televisivas do que as outras atividades de lazer. Em sua pesquisa, Bastos (1988) constatou que, entre as crianças que foram entrevistadas, 73% assistiam à televisão até 6 horas por dia; 21% de 6 a 8 horas e 6% de 8 a 10 horas. O que corresponde um tempo maior do que o tempo destinado à escola – 4 horas por dia. Assim, a autora pode estabelecer como tempo médio de audiência de 04h23min por dia. E ainda, nessa pesquisa, ela pode constatar que os índices de audiência masculina são maiores que os índices femininos. O que converge para a correspondência feita por Baitello (1997), a qual relaciona o masculino ao ver, e o feminino ao ouvir.

“Diante do grande tempo dispensado à televisão e da participação habitual nas tarefas domésticas, supusemos que estas atividades ocupam uma grande parte do seu tempo. Uma questão se impõe, então: se as crianças permanecem ao menos 4 horas por dia na escola, outro tanto ou mais diante da televisão, quando realizariam os deveres escolares e as obrigações de casa? A resposta nos vinha fácil: preparavam seus deveres e algumas tarefas domésticas enquanto acompanhavam as emissões. Da mesma maneira, brincavam sozinhos ou com outras crianças, liam ou conversavam, com a televisão ligada” (BASTOS, 1988, p. 26).

Esses dados de que as crianças costumam realizar as tarefas domésticas e escolares ao mesmo tempo em que assistem TV foram declaradas pelas próprias crianças durante a pesquisa da autora. A criança permanece mais tempo em casa e assim acaba utilizando mais o aparelho televisivo, o que pode ser explicado pelo receio de suas famílias ao deixarem seus filhos na rua devido à violência urbana.

“A televisão contribui para entreter as crianças em casa e lhes faz esquecer os problemas e conflitos familiares. Entretanto, se não forem orientadas, a utilização da televisão provocará situações de crise que escapam à natureza própria desse meio de comunicação” (BASTOS, 1988, p. 32).

Erausquin, Marilla e Vázquez (1983 citados por BARROS NETA, 2001, p. 17), na mesma perspectiva de Marie Winn (1979 citada por BARROS NETA, 2001, p. 18), consideram que as crianças que não possuem o hábito televisivo são mais autônomas para divertir-se do que as crianças que se expõem regularmente à tela.

Laura Bastos (1988) defende a tese de que a criança não se encontra desamparada diante da televisão. A autora alerta sobre a dúvida existente na importância exagerada atribuída à televisão na gênese da passividade infantil. Segundo ela, a criança desenvolve desde cedo seu sentido crítico e sua capacidade de julgamento em relação às informações obtidas do meio ambiente, inclusive daquelas advindas do aparelho televisivo. Para ela, as crianças reagem aos estímulos apresentados pela TV de acordo com sua personalidade, maturidade psíquica e ambiente familiar. O que pode provocar a presença constante da criança diante da televisão é a dificuldade de acesso às salas de cinema devido aos altos preços, os problemas domésticos, as insatisfações e a necessidade que tem em se distrair. Pois a imagem associada ao movimento e ao som satisfaz imediatamente o seu público. As recepções das mensagens transmitidas pelas emissões televisivas

acontecem de acordo com as experiências de cada um, ou seja, de acordo com as normas de comportamento determinadas pelo seu círculo social imediato: a família, o grupo de companheiros e a escola. Também se verificou que o nível sócio-econômico das crianças influencia em sua assiduidade frente ao aparelho televisivo. Pois crianças que têm acesso a outros tipos de entretenimento mostram-se menos dependentes da TV. A atenção infantil se cansa facilmente e para manter esse interesse é preciso mudar periodicamente o cenário, os jogos e as brincadeiras. A presença mais freqüente das crianças diante da televisão representa mais um sintoma do que uma causa, demonstrando, talvez, uma não-satisfação de necessidades básicas de distração e carinho. O tempo dispensado diante da TV depende das atitudes tomadas pelos pais em relação a esta. *"As crianças pequenas, dominadas pelo sincretismo e pelo subjetivismo, sentem dificuldade em fazer a distinção entre a realidade e a ficção transmitida pela televisão"* (BASTOS, 1988, p.42). Contudo,

"As crianças entrevistadas reconhecem o aspecto fictício das emissões televisivas. Diante de um fato extraordinário acontecido com personagens reais, constatam prontamente que se trata de um truque bem feito e não acreditam que possa ocorrer na vida real" (BASTOS, 1988, p. 67).

"A presença de um psicólogo ou de um pedagogo é necessária para orientar a organização do plano e a escolha das atividades para as crianças, mas nem todos os programas dispõem desses elementos na equipe" (BASTOS, 1988, p. 59).

7. As influências da TV

Teixeira (1987) reconhece que os efeitos da televisão sobre as crianças são complexos de serem analisados, pois existem fatores que devem ser considerados, como o tempo dedicado às programações, idade, relacionamento familiar, escolar e tipo psicológico da criança.

“A influência que a programação da televisão exerce sobre a criança é complexa de ser analisada, pois são numerosas as variáveis que devem ser consideradas. Destacamos algumas: o tempo gasto pela criança diante do aparelho; outras fontes que atuam concomitantemente com a televisão sobre a criança (isto supondo que a criança não tem na televisão sua única fonte de informação); a própria idade da criança, pois a influência exercida aos 2 anos se diferencia daquelas sofridas aos 6 ou 10 anos; o tipo de relacionamento familiar que a criança desenvolve; o tipo psicológico da criança; o tipo de escola que frequenta; as suas experiências de vida; enfim, a maneira como é valorizada ou desvalorizada a televisão em seu grupo primário” (TEIXEIRA, 1987, p. 40).

As emissões televisivas possuem um grande poder de atração, uma facilidade para sua utilização e uma enorme rapidez com que transmitem as informações. Suas emissões proporcionam *“uma poderosa ilusão de fantasias, onde a realidade se funde em ficção e o irreal toma a dimensão da realidade”* (BASTOS, 1988, p. 10). Seu grau de penetração e influência nos lares aumentou, principalmente por mostrar imagem e som movimentando-se juntos, de maneira rápida e dinâmica, por isso ela acaba superando os outros meios de comunicação social.

“O poder da imagem e do som foi bem compreendido pelos órgãos governamentais, que utilizam a televisão nas campanhas nacionais de vacinação, segurança na estrada, comemoração de datas históricas, campanhas eleitorais, bem como nas catástrofes e outros acontecimentos que venham a exigir a mobilização do público” (BASTOS, 1988, p. 40).

Alves (2009) afirma que na sociedade atual, a televisão é o meio de comunicação social mais difundido e o de mais fácil acesso à criança e ao adolescente. Ela passou a ser o companheiro da vida das crianças, e os pais deixaram de brincar com os filhos, desistindo do diálogo. Devido a estes fatos, existem potenciais riscos que essa exposição proporciona e não podem ser descuidados. As crianças de todo o mundo assistem a pelo menos trinta e seis horas semanais de televisão. E quanto aos desenhos animados que permitem a criança a recriar uma realidade própria do seu mundo da imaginação, o assunto exige cautela, pois os desenhos geram agressividade e o impacto causado pela televisão leva as crianças a descobrir mais sobre a violência, o sexo e outros tipos de perturbações. Esta iniciação precoce no mundo "adulto" pode banir a inocência infantil, e levar a criança a sofrer disfunções afetivas, psíquicas e emotivas que poderão torná-la um adulto disfuncional. Assim, os meios de comunicação social, entre eles a televisão, em sua função de lazer, formação e informação, desempenham um papel determinante no processo psicossocial de desenvolvimento das crianças e dos jovens.

Bastos (1988) chega à conclusão de que a televisão não oferece riscos para a formação infantil. Os danos são gerados somente pelo abuso de tempo destinado a ela, prejudicando, assim, as tarefas diárias. *"As crianças assistem às emissões no contexto da sua vivência, juntamente com as próprias experiências e a influência do meio familiar, escolar, de vizinhança, religioso"* (KOMOROWSKA, 1964, p. 85-240 *apud* BARROS NETA, 2001, p. 70). Ou seja, quanto mais nova a criança, ainda dispondo de pouca experiência de vida, mínima compreensão, senso crítico da realidade e menos condições de discernimento que tem a pessoa adulta; terá maior probabilidade em apreender o significado da mensagem sob o ponto de vista do

outro. *"A influência da televisão não pode ser estudada somente pela análise de seus produtos, mesmo que essa análise leve em conta a interação no processo comunicativo. Ela deve ser examinada junto aos demais processos de reprodução social"* (BARROS NETA, 2001, p. 90). Portanto,

"mesmo que a mensagem televisiva seja igual, não é igual a maneira como a pessoa a utiliza na organização de sua representação da realidade. O modelo que funciona, é de interinfluência entre TV, estudantes, professores, pais, colegas, vizinhos, que se revela num determinado sistema econômico, social e cultural em que a pessoa se desenvolve. É preciso olhar o conjunto dessas relações numa visão dialética. É uma teia de relações e a TV é apenas um desses elementos. [...] Não é certo continuar acusando a televisão de, sozinha, conseguir influenciar a visão de mundo que a pessoa adquire" (BARROS NETA, 2001, p. 91).

Segundo Teixeira (1987) os efeitos ocasionados pelo grande período assistindo TV contribuem para a deformação de órgãos visuais, na audição, na estrutura física, na criatividade, tendência à passividade, à imitação, ao comportamento agressivo, além de provocar quebra da ordem na disciplina familiar, motivada pelo desejo da criança querer assistir TV em horas destinadas a outras atividades como, por exemplo, a alimentação, sono ou estudo. Além da diminuição do tempo dedicado a outras atividades, distúrbios de comportamento, medo, instabilidade emocional, redução ao mínimo indispensável da expressão verbal e escrita, consumo precoce, adoção passiva de modismos, aumento da agressividade nas brincadeiras e identificação de lazer como passatempo passivo.

A televisão inibe o diálogo quando a família se reúne, e com o passar do tempo ela vai se desconhecendo; *"e uma das conseqüências é o surgimento de problemas de relacionamento; então a televisão passa a ser utilizada conscientemente para evitar a conversa e conseqüentemente o conflito"* (TEIXEIRA, 1987, p. 13). *"A televisão acompanha a criança durante o seu crescimento, fluindo no seu desenvolvimento físico e mental"* (TEIXEIRA, 1987, p. 09). Segundo

Erausquin, Matilla e Vázquez (1983), ao permanecer várias horas a absorver tudo o que a TV apresenta, feito uma esponja, não cabe outra alternativa ao telespectador senão a inércia. Pois, durante todo o tempo em que está postado diante do foco hipnótico, ele é desestimulado de falar, dialogar ou desenvolver qualquer atividade motora.

“De todos os sentidos, o olho é certamente o mais nobre. Mais do que os outros sentidos, ele permite ao homem penetrar o mundo. A tridimensionalidade, a graduação da luz, as distâncias, tudo isso é ensinado ao indivíduo por meio de sua vista. Na televisão o mecanismo de acomodação, isto é, o mecanismo que permite ao indivíduo enxergar claramente, tanto de perto, quanto de longe, é inexistente, pois o indivíduo enxerga tudo à mesma distância. Assim, esse mecanismo sensível de visão degenera-se a atrofia-se pouco a pouco. Paralelamente, os movimentos da cabeça, que nos auxiliam na visão, se tornam inexistentes, quando assistimos televisão, além da imobilidade do resto do corpo. A falta de uma terceira dimensão, num espetáculo que dura horas, cria uma verdadeira ilusão ótica; o mundo se torna bidimensional” (LANZ, s/d apud TEIXEIRA, 1987, p. 15).

Além disso, as mensagens televisivas adquirem um alto grau de credibilidade que descarta a dúvida, a contestação e o questionamento. Pois, tudo o que é dito pela TV se tornou sinônimo de verdade. As pessoas simplesmente acreditam porque foi mostrado na TV. Segundo Erausquin, Matilla e Vázquez (1983) e Barros Neta (2001), a TV provoca o desequilíbrio entre o ser – a coisa real – e o parecer – a coisa imaginária. Desse modo, seu caráter narcotizante encontra, aí, favoráveis condições para multiplicar seus efeitos.

O abuso de televisão, segundo Marie Winn (1979 citada por ERAUSQUIN, 1983), apenas reduz as oportunidades da criança de entrelaçar vínculos familiares fundamentais e através deles, compreender a si mesmos. O abuso de televisão não favorece o desenvolvimento verbal da criança porque não exige nenhuma participação verbal de sua parte, mas sim, somente uma receptividade passiva, sendo que tal desenvolvimento é essencial para se desenvolver como ser social.

"A criança precisa descobrir suas próprias potencialidades e debilidades a fim de realizar-se mais tarde como adulto no trabalho e no convívio com os demais. Ver televisão não a conduz a realizar tais descobertas; não faz mais que impor limites a seu enfronhamento em atividades da vida real que possam oferecer a suas capacidades um autêntico terreno de ensaio. Todo menor desenvolve amplamente suas faculdades intelectuais quando se lhe oferece possibilidade de manipular, de tocar, de fazer, em lugar de contentar-se com uma postura passiva" (WINN, 1979 apud ERAUSQUIN, 1983, p. 22).

"Crianças habituadas a assistir muito à televisão acabam desconhecendo a realidade dos sons da natureza. A falsidade do som acrescida à falsidade da imagem produz um autêntico embrutecimento sonoro e visual" (TEIXEIRA, 1987, pp. 15-16). Assim elas deixam de ser receptivas a espetáculos que exigem algum esforço de vista ou audição, que são mais delicados. Dr. Seelentag (1960 citado por TEIXEIRA, 1987, pp. 16-17) constatou que todo aparelho de TV emite raios radioativos e os mesmos podem causar mutações nos gens. Além do fato da TV agir como elemento multiplicador da passividade, ela vai atrofiando a criatividade *"através de sua esquematização e insistência com que as cenas são mostradas, faz com que haja uma asfixia da imaginação criativa da criança"* (TEIXEIRA, 1987, p. 17). Quanto à violência, Teixeira (1987) enfatiza que ela existe independentemente da TV, e que o perigo da violência está na repetição, na insistência e no exagero.

Para esses autores, a TV é um fenômeno da sociedade industrial que carrega consigo a tendência de influenciar o público, principalmente o infantil, tanto na representação de mundo, como no próprio comportamento. Para eles, a TV está instalada de forma definitiva na intimidade dos lares. Ela molda comportamentos, sugere modismos, coage ao consumo e inculca valores. Ainda na perspectiva desses autores, as diferenças de classes brasileiras se refletem no comportamento do ser telespectador. Ou seja, por mais que os produtos da televisão tentem uniformizar os gostos, as atitudes e os valores, as suas mensagens são filtradas

pelas condições em que vive o telespectador. Erausquin, Marilla e Vázquez (1983), na mesma perspectiva de Marie Winn (1979 citada por BARROS NETA, 2001, p. 18), consideram que as crianças que não possuem o hábito televisivo são mais autônomas para divertir-se do que as crianças que se expõem regularmente à tela.

Contudo, mesmo com inúmeros estudos relacionados à influência da televisão, não se sabe ainda se as crianças apenas reproduzem a violência vista na TV, ou se escolhem, para assistir, os programas agressivos para exteriorizarem sua própria agressividade. Mas Teixeira (1987) afirma que as crianças que não presenciaram cenas de violência na televisão são duas vezes menos agressivas do que aquelas que o fazem. Por outro lado, Erausquin (1983), afirma que a TV apenas reproduz a violência da sociedade, e atribuir a causa da violência infantil à violência transmitida pela TV é transferir para o aparelho a “culpa” que é consequência da violência existente na sociedade. Os autores deduzem que a televisão tem tido maior influência na estrutura de vida diária do que todas as outras novidades aparecidas neste século. Pois as crianças vêem mais televisão que os adultos desde o princípio de sua vida consciente, e o fazem na época de sua formação física, desenvolvimento mental e criação de hábitos e atitudes. Assim, essas informações levam-nos a pensar que as telecrianças serão teleadultos mais fiéis que os atuais. *“Mas, ao mesmo tempo, terão perdido em seu período de formação milhares e milhares de horas que as crianças de outras gerações dedicavam a correr, a brincar, a ler e também – como não! - a aborrecer e azucrinar os adultos”* (ERAUSQUIN, 1983, p. 21).

8. Estudos de caso

Várias pesquisas brasileiras apontam que o tempo médio que nossas crianças e adolescentes passam assistindo televisão (TV) pode ser maior que o tempo que passam na escola. Outras pesquisas apontam algumas possíveis relações entre televisão e alguns danos à saúde, como sedentarismo, obesidade, comportamentos agressivos, diminuição de horas de sono, início precoce de uso de tabaco, iniciação sexual precoce e baixo rendimento escolar.

Em uma pesquisa de monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), realizada por Lucimeire de Carvalho, e orientada pela prof^a Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka, realizada em 1997, em uma instituição pré-escolar pública do município de Campinas, no Estado de São Paulo – E.M.E.I. Agostinho Páttaro, localizada próxima a Unicamp – em uma turma onde as crianças possuem entre 5 e 7 anos, e em que a televisão faz parte do cotidiano das crianças; a autora afirma que existem pesquisas que mostram que o tempo que algumas crianças passam na frente da TV é maior que o tempo que elas passam na escola, e por ela estar tão presente no cotidiano das pessoas, o irreal acaba tomando a dimensão da realidade, muitas vezes influenciando os comportamentos das crianças.

Em uma das observações registradas no diário de campo, a pesquisadora atenta para uma cena em que as crianças brincam de heróis dos desenhos animados e um dos garotos manifesta uma reação agressiva contra os colegas. Segundo a autora, esta ação agressiva ocorreu fora da presença de uma televisão. Durante a escolha de um filme a ser assistido pelas crianças, a maior parte dos meninos optou pelos desenhos mais violentos, ao contrário das meninas, que optaram pelos desenhos mais amenos. E durante uma conversa, certo aluno afirmou

ser violento, ou agir com violência, sempre que assiste algo violento na televisão. Mas no momento em que dois colegas levantam e começam a cercá-lo ameaçando bater nele, este aluno simplesmente recua, não reagindo e não demonstrando nenhuma ação violenta.

A convivência com as crianças na escola, durante esta pesquisa, mostrou que, mesmo assistindo programas violentos, as crianças não são influenciadas por eles, como se acreditava. Surgiram momentos de agressividade, mas não a partir de assistirem cenas violentas na televisão. A autora desta pesquisa chegou a conclusão de que mesmo com sua grande influência, a TV ainda é um instrumento criado, utilizado e manipulado pelo homem e que, devido a isso surgiu a dúvida: *“Será que as pessoas gostam de assistir a violência e por isso ela é tão enfatizada? Ou será que a violência é, de certa forma, imposta às pessoas?”* (CARVALHO, 1997, p. 68).

No artigo “Jovens em São Paulo: lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV”, a autora Silvia Borelli afirma que as influências da TV resultam de um processo de mediações das seguintes variáveis: *“cotidiano vivido, classe social e grupos a que pertencem, gênero, sensibilidade e percepção que desenvolvem em relação aos territórios de ficção e as dimensões da técnica”* (BORELLI, 2010, p. 92). Essa pesquisa qualitativa de recepção de telenovelas foi realizada acompanhando o cotidiano de jovens que moram na cidade de São Paulo com suas famílias. A telenovela acompanhada foi transmitida pela Rede Globo, em 1997, chamada *A Indomada* (de Aguinaldo Silva e Paulo Ubiratan).

As famílias foram selecionadas por tipos de moradias, o que *“garantiu a variação das condições social, econômica e cultural e, conseqüentemente, a localização destas famílias em diferentes estratos no contexto mais geral da*

sociedade” (BORELLI, 2010, p. 93). Os referenciais teóricos partiram dos estudos de produção e recepção mediáticas, fundamentando-se na teoria das mediações, de Jesus Martín-Barbero, se embasando no princípio de que a

“vinculação entre produtores, produtos e receptores se dá por meio de um permanente processo de negociação simbólica; nele, os receptores relacionam-se com os meios de comunicação, através de um conjunto de mediações, que lhes permite a apropriação, o uso e a atribuição de significados particulares” (BORELLI, 2010, p. 93).

As mediações utilizadas neste trabalho foram:

“cotidiano – cenário espacial e temporal onde se efetiva a dinâmica familiar, as rotinas e as práticas dos receptores; subjetividade – a possibilidade tanto de construção das identidades e sensibilidades que operam na relação entre indivíduo e meios de comunicação, quanto da individualização das relações no contexto das histórias de vida familiares; gêneros ficcionais – territórios de ficcionalidade (melodramas, comichades, narrativas policiais, etc), entendidos como matrizes culturais de produção e reconhecimento de sentidos, ativadores de competências culturais e formadoras de repertórios compartilhados na relação entre produção e recepção; e finalmente, videotécnica – espaço de reconhecimento dos dispositivos videotécnicos de produção e recepção e responsável, também, pela constituição dos já referidos repertórios compartilhados” (BORELLI, 2010, p. 94).

Observou-se nesta pesquisa, que a desigualdade social interfere diretamente no consumo material de bens e na atitude diante da vida; por exemplo, os jovens que vivem na periferia e começam a trabalhar muito cedo, o seu tempo livre é ocupado regularmente ouvindo música e assistindo à televisão. E que mesmo que os jovens de extratos sociais opostos afirmem não gostar de televisão, a observação mostra que *“a televisão está bastante presente nas rotinas diárias e diminui ou aumenta de intensidade, de acordo com as maiores ou menores perspectivas de lazer”* (BORELLI, 2010, p. 96).

A pesquisa realizada por PIRES (2010) em Curitiba, levantou dados entre 825 participantes com idade entre 7 e 17 anos, para avaliar o número de horas que

crianças e adolescentes assistem à televisão. O que norteou este trabalho foi o Projeto de Lei elaborado pela Comissão da Criança e do Adolescente, da OAB-PR, que visava regulamentar o número de horas de exibição de Programas Educativos pelas Emissoras de Televisão Brasileira. Para a formulação deste Projeto de Lei, a Comissão estabeleceu as seguintes premissas básicas:

“a) A obrigatoriedade de um mínimo de 14 horas semanais de ‘programas educativos’, os quais deverão ter um parecer de um comitê de especialistas indicado pelo Conselho Federal de Educação; b) Os demais programas exibidos das 8 da manhã às 8 da noite deverão ser apresentados após a exibição de um aviso que oriente os pais sobre a adequação do programa para seus filhos, a saber: Sinal verde: adequado para toda a família; sinal amarelo: inadequado para crianças abaixo de 7 anos e sinal vermelho: apenas para adultos, e c) Os filmes de violência e sexo deverão ser exibidos apenas após as 21 horas.” (PIRES, 2010, p. 18).

Esta pesquisa mostrou que crianças e adolescentes curitibanos assistem em média 26,46 HS/TV (horas de TV) semanais. Mas é importante destacar que estes dados referem-se apenas a HS/TV, não considerando-se aí filmes de vídeos e vídeo-games, o que, certamente, elevariam muito esta média.

As opiniões sobre os efeitos da televisão sobre as crianças divergem para três pontos: aqueles que consideram que os efeitos são devastadores; aqueles que admitem que, apesar de tudo, ela é um espelho da realidade social; e aqueles que acreditam que tudo é relativo, pois a relação que as crianças e adolescentes estabelecem com a televisão depende de sua família, ambiente social, características pessoais, etc. (Merlo-Flores, 1999 *apud* Gomide, 2010, p. 07). Gomide (2010) explica que esta autora propõe que a televisão age em dois níveis sobre as crianças. E que eles podem se sobrepor e ser simultâneos.

“No primeiro nível, crianças e adolescentes extraem elementos da linguagem, do jeito de vestir, dos temas sociais e de relacionamento para se comunicar, assim construindo uma cultura televisiva. Num segundo

nível, os conteúdos dos programas agem como mecanismos compensatórios, que se manifestam quando há algum tipo de deficiência, individual ou social" (GOMIDE, 2010, p. 07).

Ou seja, a autora afirma que a criança que possui uma personalidade agressiva libera esta agressividade quando assiste programas violentos. Mas, a longo prazo, isto reforçaria suas potencialidades violentas.

"Na pesquisa de Merlo-Flores (1999) encontrou-se que a identificação da criança com um personagem da televisão sempre estava presente quando havia problemas nos laços familiares [...] A identificação é um processo seletivo: ela responde às necessidades pessoais e profundas e, portanto, pode-se inferir que a influência aconteça mais em um nível individual. Emoções, necessidades básicas da afeição são satisfeitas sonhando-se acordado em frente à televisão" (GOMIDE, 2010, p. 07).

Pois a aprendizagem ocorre em dois estágios. No início é feita através da imitação, e ao se deparar com necessidades mais profundas, ocorre a identificação.

Segundo Bandura (1977 citado por GOMIDE, 2010, p. 04) a televisão pode influenciar as percepções dos espectadores sobre o que constitui 'o mundo real' e o comportamento social normal. Uma pesquisa de Stransburger (1999 citado por GOMIDE, 2010, p. 04) mostrou que as crianças e adolescentes assistem, em média, dez mil cenas violentas por ano. E estudos da literatura apontam para a violência na mídia como uma das causas da violência na vida real. Nas palavras de um reconhecido produtor hollywoodiano, Auletta (2003 citado por Gomide, 2010, pp. 04-05)

"Eu estaria mentindo, se dissesse que as pessoas não imitam o que vêem na tela. Eu seria um idiota, se dissesse que isto não ocorre, porque basta observar como o estilo da moda muda [...] Seria impossível pensar que imitariam nossas roupas, nossas músicas, nossa aparência, mas não imitaríamos nossa violência ou nossas ações" (AULETTA, 2003, apud GOMIDE, 2010, pp. 04-05).

A televisão pode influenciar, também, a tornar as pessoas menos solidárias, pois a exposição à violência como entretenimento realmente torna as pessoas mais indiferentes ao sofrimento dos outros (Cline, Croft & Courier, 1997 *apud* Gomide, 2010, p. 05); a aumentar significativamente o comportamento agressivo de crianças e adolescentes após a exposição a filmes violentos; e a transmitir mensagens importantes e dignas de crédito sobre comportamentos que exibe (Bandura, 1977; Roberts, 1982 *apud* Gomide, 2010, p. 05), pois

"ela é uma importante fonte de informações para adolescentes sobre sexo e drogas e, pode ser em alguns casos, a principal, se não a única, instrução recebida sobre este assunto, quando os jovens não recebem esta espécie de instrução na escola, em casa ou na igreja" (GOMIDE, 2010, p. 05).

Contudo, a autora salienta que a influência da televisão no comportamento humano é indireta, sutil e cumulativa, não é imediata e direta. Segundo ela

"A tragédia da televisão é que ela é 90% potencialmente prejudicial para crianças e adolescentes e apenas 10% útil socialmente; quando, na verdade, essas porcentagens deveriam ser invertidas em uma sociedade responsável, visto que a quantidade de violência e sexo casual na televisão está drasticamente fora da proporção com a vida real" (GOMIDE, 2010, p. 06).

*"Esperar que a indústria reconheça a conexão entre violência na mídia e a violência na vida real pode ser tão razoável quanto esperar que os executivos das companhias de tabaco admitam que fumar cigarros causa câncer" (Centerwall, 1992 *apud* Gomide, p. 06).*

Mas, segundo Wilson (1999 *apud* Gomide, 2010, p. 09), mostrar que a violência causa sérias conseqüências às vítimas é uma maneira de reduzir o risco de uma influência negativa sobre os telespectadores.

O Projeto de Lei da OAB-PR (PARANÁ, Ordem dos Advogados do Brasil) contribuiu para diminuir o efeito negativo da programação televisiva. Contudo, é de

extrema importância que todos os responsáveis pela formação moral e ética da criança estejam atentos para a nocividade destes efeitos e ofereçam atividades alternativas de entretenimento e lazer a elas, além de discutir com seus filhos e educandos sobre o conteúdo assistido.

"Benjamim Spock, importante pediatra americano, especialista em comunicação pessoal (1987, in Strasburger, 1999) fez a seguinte afirmativa: 'Até que a televisão venha a ter programas interessantes e úteis para as crianças, os pais podem simplesmente se livrar do aparelho. Isto evitará que seus filhos sejam brutalizados pela violência e que se tornem passivos por longas horas de imobilizada atenção'" (GOMIDE, 2010, p. 03).

Contudo, a autora salienta a criticidade em conciliar a liberdade de expressão estabelecida no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e com maior ênfase colocada no artigo 13 da Convenção da ONU sobre direitos da Criança, com as formas de combater a violência e o sexo na mídia; já que o artigo 13 declara que:

"A criança terá direito à liberdade de expressão; este direito inclui liberdade de procurar, receber e partilhar informação de todos os tipos, independente de fronteiras, seja oral, escrita ou impressa, na forma de arte ou através de qualquer outro meio de escolha da criança..." (BRASIL, 1989 apud GOMIDE, 2010, p. 20).

Mas, completa a autora, esta tarefa não é impossível. Como cita o exemplo:

"Uma mãe americana preocupada com o papel que a televisão ocupava em sua família 'quebrou' propositadamente o aparelho por uma semana buscando alterar assim as relações familiares já estabelecidas em volta da televisão. Para sua surpresa e contentamento, após uma semana sem televisão ela observou que um de seus filhos havia começado a praticar piano, a outra filha lia revistas e ambos brincavam juntos, criando novas formas de brincar. À noite, ao jantar eles conversavam, depois ouviam música, liam e, então, perceberam que a vida continuava independente da televisão. As semanas se passaram sem que a família sentisse falta da televisão. Hoje em dia, removeram o aparelho para a garagem e acostumaram-se a ler mais, ouvir rádio, ir ao cinema, assistir a jogos e falar sobre si mesmos e perceberam, sobretudo, quanto tempo a mais eles tinham para conviver" (Richards & Sandy, 2000 apud Gomide, 2010, p. 20).

A pesquisa realizada por Pires (2010) foi realizada *“com crianças com idade entre sete e nove anos, que apresentam níveis extremos (alto e baixo) de ansiedade. O objetivo central da pesquisa foi analisar a relação entre audiência e conteúdo violento da TV e graus de ansiedade”* (PIRES, 2010, p. 01).

“A ansiedade é um estado emocional desagradável em que as ameaças e os perigos para a vida do indivíduo são vividamente antecipados [...] Uma pessoa que sente ansiedade intensa fica aterrorizada e transpira profundamente; seu coração se acelera. Esse estado de quase-pânico desaparece em duas ou três horas” (PIRES, 2010, p. 02).

As crianças mais suscetíveis a essa perturbação emocional estão no período de latência, segundo a teoria do desenvolvimento cognitivo, levando em consideração as três etapas da segunda infância. É nesta fase que ocorre a diferenciação entre a fantasia e a realidade e a formação da personalidade. E a televisão é um componente importante da vida das crianças nesse período. Contudo, a situação torna-se mais grave pelas imagens de conteúdos violentos serem acessadas de fácil maneira por elas.

Essa pesquisa foi dividida em duas etapas, as quais permitiram observar a relação entre o comportamento ansioso no momento em que as crianças assistiam ao conteúdo violento e quais foram as reações posteriores as mesmas. As crianças participantes desta pesquisa estudavam em escolas públicas e particulares, e tinham entre sete e nove anos, ou seja, passavam pelo período de latência, na segunda fase da infância, segundo a teoria do desenvolvimento cognitivo. A pesquisa foi realizada através de observação direta e entrevista. *“As crianças com níveis extremos de ansiedade foram expostas às cenas de conteúdo violento. [...]”*

Enquanto assistiam, foram observadas especialmente na expressão facial, movimentos cinéticos e comportamento ativo apresentado” (PIRES, 2010, p. 04).

Segundo a teoria do desenvolvimento cognitivo, as crianças que estão no período de latência são mais propensas a desenvolver níveis extremos de ansiedade. Contudo, para a criança desenvolver ansiedade, ela precisa de estímulos como o ambiente familiar em que vive ou hábitos de audiência à televisão.

“As crianças com alta ansiedade tiveram comportamento de agito enquanto assistiam às cenas: morderam o lábio, franziram a testa, riram nervosamente, respiraram fundo, arranharam a garganta, chuparam o dedo e seus olhos se encheram de lágrimas. [...] Realizaram movimentos cinéticos intensos e foram muito impacientes, até antes de assistirem às cenas. Por outro lado, as crianças com baixa ansiedade, apesar de também manifestarem comportamento de agito e movimentos cinéticos, o fizeram de forma bem mais moderada [...] Além disso, as crianças com alta ansiedade descrevem a cena como ela aconteceu, com riqueza de detalhes. Diferente foi o tipo de interpretação feita com as crianças com baixa ansiedade. [...] Observou-se que este grupo de criança (com baixa ansiedade) respondeu de forma apática ao que viu. Já as crianças com alta ansiedade responderam mais emocionalmente que assistiram.” (PIRES, 2010, p. 05).

Neste caso, a alta ansiedade está associada a um comportamento tenso, nervoso, diante do estímulo aversivo ‘conteúdo violento da TV’. *“Por outro lado, a baixa ansiedade está associada ao reconhecimento do conteúdo aversivo” (PIRES, 2010, p. 05),* mas sem provocar tensão. Percebeu-se, também, que os pais das crianças com alta ansiedade são muito mais rigorosos e autoritários quanto ao controle que fazem sobre o uso da televisão. Uma das hipóteses da autora é o fato de que *“o familiar mais repressivo seja no fundo um dos fatores que geram a própria ansiedade elevada na criança, levando em consequência a “necessidade” de maior controle” (PIRES, 2010, p. 06).*

Rangel (1996 *apud* PIRES, 2010, p. 06)

"divide as várias tendências da análise do fenômeno em quatro grupos básicos: (a) os que preconizam os efeitos danosos e negativos, baseados na possibilidade de se reproduzir no comportamento real a violência vista na televisão; (b) aqueles que apontam para o efeito catártico da televisão, especulando que a agressividade real se libera no imaginário; (c) aqueles que compreendem o comportamento da audiência sob a perspectiva do entretenimento e de uma experiência estética cultural e, (d) os que estabelecem uma influência construtiva da televisão, sendo considerada, inclusive, como instrumento terapêutico minimizador de respostas negativas" (PIRES, 2010, p. 06).

Contudo, nenhuma teoria já formulada pode ser utilizada para explicar esses casos.

Mas sim, *"pode-se dizer que as crianças com alta ansiedade absorvem com mais facilidade o conteúdo violento"* (PIRES, 2010, p. 06), por prestar atenção a eles. *"Talvez, para estas crianças há um impacto maior após assistirem o conteúdo violento"* (PIRES, 2010, p. 06).

Assim, a autora chega a conclusão de que o conteúdo violento não provoca fascínio, devendo, portanto, entender também o grau de ansiedade das crianças *"antes de afirmar que existe uma relação direta entre conteúdo violento e seus efeitos nos telespectadores infantis"* (PIRES, 2010, p. 07).

O artigo escrito por Fontanella, em 2006, aponta o caso de uma adolescente de dezenove anos que começou um tratamento psiquiátrico por apresentar síndrome de ansiedade e fobia social. Esta adolescente, quatro meses após o início desse acompanhamento, começou a apresentar problemas associados à TV. Durante o acompanhamento, a paciente assinalou que dos quatro aos seis anos assistia televisão três horas por dia, pois achava divertido ver desenhos; dos seis aos treze anos ela não se lembra dessa fase; dos quinze aos dezoito anos, assistia televisão de oito a nove horas por dia para se distrair; e atualmente passou a assistir TV de doze a quatorze horas por dia, chegando até a vinte horas diárias. Segundo seu psiquiatra, há dois anos ela sentia vontade de assistir televisão intensamente de maneira contínua, levando-o a acreditar que isto representava um comportamento

compulsivo, fazendo-o cogitar em uma possível "síndrome de dependência de televisão" (diagnóstico não-reconhecido nas classificações nosográficas psiquiátricas), ou, mais propriamente, como "uso nocivo" de televisão, como exemplifica um de seus depoimentos: *"Assisto a dois programas simultaneamente. Troco para outro pior só por causa da ação, das cores, do movimento. Gosto de histórias, de enredos, assisto mesmo programas ruins"* (FONTANELLA, 2005, p. 212).

Após este diagnóstico, ela foi aconselhada a tentar diminuir o tempo destinado a essa atividade, e passou a apresentar um comportamento análogo a uma síndrome de abstinência:

"Fico irritada. Não tem um minuto sem pensar em televisão, nos filmes, novelas, personagens, enredos, jornais, nas cores. Alguns programas têm fundo azul, dá uma sensação de tranquilidade, de respeitabilidade, de intelecto, meio que nobre. Fico lembrando de alguns seriados, mesmo os que não passam mais. Sonhei com televisão. Nestes dias, se tenho alguma coisa para fazer, deixo para a noite, para disfarçar o desejo de ver naqueles horários. Cheguei ultimamente a ficar 20 horas com a televisão ligada, só desliguei porque minha mãe chegou. Às vezes ligo o computador, talvez para ver a tela iluminada. Quando me deito, durmo mal, fico revirando. Desliguei a do meu quarto, guardei o controle num lugar difícil. Minha mãe sabe do meu problema, mas não tem idéia da gravidade. No começo [desses 8 dias sem assistir], foi muito difícil, quase não tinha controle, foi doloroso, muita vontade, demais. Tentava estudar, mas não conseguia me concentrar, e optava por uma leitura mais leve. Coloquei o livro de biologia perto da televisão, para me lembrar porque não estou mais assistindo" (FONTANELLA, 2005, p.212).

Como foi citado anteriormente, "dependência de televisão" não é um diagnóstico psiquiátrico reconhecido. Mas, o caso apresentado mostra uma correspondência com os sinais e sintomas de dependência de substâncias psicoativas, pois seus comportamentos são diretrizes da Classificação Internacional das Doenças (CID-10). Neste caso, a paciente havia sido diagnosticada como sociofóbica e, após algum tempo, apresentou abuso no uso da TV. Contudo, pode-se supor que o aumento das horas diante da TV tenha dificultado seu

desenvolvimento de habilidades sociais. Não se pode afirmar se o uso abusivo da TV tenha sido uma causa ou uma consequência de seu problema, mas é fato que ele influenciou negativamente seu desenvolvimento.

Pesquisas apontam para o fato de, por crianças e adolescentes terem menos capacidade de discriminação sobre questões éticas e sociais complexas, são mais vulneráveis às variadas influências ambientais, como as da programação da TV. Por isso,

“é recomendável que pediatras e hebeatas sejam criteriosos ao avaliar a relação de crianças e adolescentes com esse hábito, perguntando, por exemplo, sobre como esse comportamento ocorre, se os pais compartilham com os filhos esses momentos, se discutem o conteúdo dos programas, se o tempo diante da TV parece-lhes adequado e se não cogitam maior variedade de atividades de lazer” (FONTANELLA, 2005, p. 213).

9. Em defesa da TV

Em uma entrevista fornecida a revista “Época”, o economista americano, Charles Kenny, especializado em desenvolvimento e que trabalha no Banco Mundial, defende a TV afirmando que ela vai salvar o mundo – e principalmente o Brasil.

Segundo ele, entre outras vantagens, a televisão diminuiu a taxa de natalidade, incentivou as famílias a enviar suas filhas para a escola e reduziu a aceitação da violência doméstica. Além de ter influenciado no aumento do cosmopolitismo – *“as pessoas respondem às tragédias que vêem na TV doando dinheiro para instituições de caridade envolvidas na recuperação das regiões afetadas”* (FERRARI, 2010, p. 76) -, no aumento da conscientização em relação aos desafios ambientais e na diminuição do desejo por guerras entre as nações.

Para o economista, essas vantagens ocorrem devido ao fato de a TV ser a tecnologia mais importante e influente do mundo, porque ela tem um alto índice de alcance entre as populações; e ser o meio de comunicação que prende as pessoas por mais tempo. O acesso à televisão é muito maior que o acesso a Internet ou ao telefone móvel, pois mais de 60% das famílias dos países em desenvolvimento têm uma televisão; e no Brasil, esse aparelho está em 97% dos lares. Devido a essas altas porcentagens, não é de se impressionar que as pessoas assistam à programação televisiva cerca de 10 bilhões de horas por dia. De acordo com Kenny, esses altos índices devem-se ao fato de não se precisar *“dos mesmos níveis de alfabetização e desenvolvimento lingüístico exigidos pela Internet para assistir à TV. Portanto, ela é definitivamente a melhor aposta para pessoas com pouca instrução”* (FERRARI, 2010, p. 78). Valendo, ainda, ressaltar, que até 2013 estima-se que só

na China e na Índia o acesso à TV digital via cabo e satélite chegará a 105 milhões de famílias.

Ainda em defesa da TV, o entrevistado afirma que a popularização dela não influencia a obesidade, pois a epidemia dessa doença se espalhou após o período de maior popularização da TV (entre os anos 40 e 50). E sobre a educação, ele afirma que o excesso de televisão pode ser resultado, e não causa, do mau desempenho escolar de crianças. E conclui que *“crianças que vêem muita TV podem ter notas piores. Mas um pouco de TV pode ser um estímulo importante para melhorar o desempenho escolar (Ferrari, 2010, p. 78)”*.

10. A TV e a educação

Na relação Criança / Televisão / Escola, Teixeira (1987) afirma ser a televisão uma “escola paralela”, pois o público infantil passa mais tempo assistindo à TV do que o tempo destinado aos afazeres da escola.

Devido às várias horas que as crianças passam na frente da TV, algumas vezes até mais do que passam na escola, a televisão está sendo vista como uma concorrente da escola. Pois suas imagens e linguagem curtas e com trocas rápidas provocam um novo ritmo de atividade mental, enquanto que o professor deixou de estimulá-los. A TV exerce um fascínio e uma tração que a aula não consegue obter. Se as crianças têm livre acesso à TV, sua adesão a esse tipo de meio de comunicação será grande, e essa grande audiência poderá acarretar em problemas como cansaço mental, excesso de carga emotiva, danos nos olhos e no desempenho escolar. Contudo, segundo Bastos (1988), de acordo com pesquisas realizadas nesse sentido, esse acesso à televisão não provoca influência negativa no desempenho escolar da criança, exceto é claro, quando permanecem até tarde da noite assistindo às emissões, não respeitando os horários de sono.

“É preciso que os educadores (pais e professores) expliquem às crianças que a televisão influi no seu desenvolvimento psicológico, pelo que assistir às emissões inadequadas à sua maturidade pode acarretar um cansaço mental significativo. A classificação por idade orienta justamente os pais quanto à adequação do programa ao público ao qual se destina” (BASTOS, 1988, p. 18).

Estes autores reconhecem que quando uma criança vai iniciar sua atividade escolar, ela já leva consigo um número muito grande de informações gerais transmitidas pela TV. Contudo, argumentam pela necessidade de uma “crítica

ecológica” dos atuais meio de comunicação com o objetivo de mostrar o equívoco existente quando se relacionam o progresso à tecnologia. E pensando na relação TV / Criança, a principal questão seria saber qual a contribuição que ela pode dar ao desenvolvimento da criança ou se o hábito de ver televisão influencia negativamente na sua formação.

Certamente, *“existe um descompasso entre a vida que se manifesta no interior da instituição escolar e a vida que se manifesta fora dele”* (BARROS NETA, 2001, p. 95). Em conseqüência disso, a escola não consegue envolver o estudante. *“O professor, talvez, não deva ser compreendido como mero transmissor de conhecimentos, nem o aluno, como receptor passivo”* (BARROS NETA, 2001, p. 95). Isso quer dizer que *“o professor, em conjunto com os estudantes, inicie um processo de ensino a partir da prática social existente, para, através do estudo e da reflexão, possibilitar um entendimento crítico dessa prática e da realidade social que nos circunda”* (BARROS NETA, 2001, p. 96). Construindo conhecimento a partir do já existente, da realidade vivida, construir e dar conta dos desafios.

“[...] que a escola possa se apropriar do meio televisivo para fazer dele um aliado do processo educativo, e não vê-lo como um inimigo desse processo. Uma vez que não é possível nem inteligente ignorar a televisão, não basta apenas criticá-la. A escola, enquanto instituição social, que proporciona a apropriação de conhecimentos sistematicamente organizados pela humanidade, talvez não deva se mostrar alheia à discussão dos fatos expostos diariamente pela televisão, talvez não deva se mostrar alheia ao conhecimento dessa realidade social [...] Talvez seja interessante para a escola tomar a televisão como cúmplice para uma educação crítica e consciente da realidade que nos cerca, para que os indivíduos possam participar da construção de uma sociedade mais crítica e uma vida mais humana” (BARROS NETA, 2001, p. 96).

Estes estudos de Barros Neta (2001) utilizam o modelo que considera que as

“relações entre TV / Educação só podem ser explicadas no interior de uma complexa rede de relações sociais e culturais [...] Essas relações, em constante movimento, estão sujeitas às múltiplas determinações e

influências que interagem reciprocamente num dado sistema econômico e social. Quando um dos elementos se altera, ocasiona a alteração do conjunto, e esta alteração do conjunto, por sua vez, reflete-se em cada elemento” (BARROS NETA, 2001, p. 101).

“A idéia que proporíamos da escola é a de um campus onde não se viesse em primeiro lugar para ‘aprender coisas’, o que pode ser feito em casa, sozinho, com uma máquina, mas para aprender a ligação que as coisas têm com a ação e a sabedoria de viver” (BABIN, KOULOUMDJIAN, 1989, p. 150 apud BARROS NETA, 2001, p. 103).

Toda nova geração quer dar o melhor para as crianças e os jovens. Entre muitas intenções, colocou-se uma televisão na sala, e assim, criou-se um mundo artificial para eles, fazendo com que a inteligência das crianças e adolescentes começasse a ser obstruída, pois os papéis da memória estão sendo usados erradamente. A mídia seduz através de seus estímulos rápidos e prontos, e esse fenômeno não é inofensivo, pois aumenta o limiar do prazer na vida real, fazendo com que crianças e adolescentes percam o prazer nos pequenos estímulos da rotina diária, pois eles necessitam de muito para ter um pouco de prazer. *“O aprendizado depende de milhares de estímulos externos (visuais, auditivos, táteis) e internos (pensamentos e reações emocionais) nas matrizes da memória” (CURY, 2003, p. 22).* E é através destes estímulos que a TV age na memória de seus telespectadores. Diariamente, crianças e adolescentes recebem inúmeros estímulos sedutores que se infiltram em sua memória, principalmente os advindos da televisão.

Diferentemente dos computadores, onde se decide o que registrar; na memória, devido ao fenômeno RAM (registro automático da memória), o registro é involuntário, não depende da vontade humana. Portanto, os alunos não escolhem o que vão aprender e/ou memorizar. E, ao contrário do que se pensa e é exigido, não podem escolher aprender e/ou memorizar tudo o que os professores pretendem ensinar. Este fenômeno ocorre devido a um dos importantes papéis da memória

humana, segundo CURY (2003), que é o fato de a emoção definir a qualidade do registro na memória. Ou seja, *"quanto maior o volume emocional envolvido em uma experiência, mais o registro será privilegiado e mais chances de ser resgatado"* (CURY, 2003, p. 108). Outro papel da memória é dar suporte para a reconstrução criativa do passado, ou seja, repassando a lembrança que foi gravada devido a sua carga emotiva, somadas as emoções do presente. Grande parte das informações que recebemos (com nenhuma carga emotiva) não será recordada, pois serão gravadas no que Cury (2003) chama de ME – Memória Existencial ou Inconsciente, onde seus arquivos são pouco acessados. Contudo, as informações úteis (gravadas com muita carga emotiva) são transformadas em conhecimento e, por conseguinte, em experiências, e são gravadas na MUC – Memória de Uso Contínuo ou Memória Consciente, e a partir daí, são lidas continuamente. *"A televisão mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes características de personalidade. (...) Essas imagens são registradas na memória e competem com a imagem dos pais e professores"* (CURY, 2003, p.58). E quem determina a o grau de abertura da memória é a emoção. *"Se uma pessoa está tranqüila ou ansiosa, o grau de abertura da sua memória e, conseqüentemente, sua capacidade de pensar estarão afetados por essas emoções"* (CURY, 2003, p. 112).

Por conseguinte, *"a maior conseqüência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a síndrome do pensamento acelerado, SPA"* (CURY, 2003, p. 59). A ansiedade dessa síndrome gera um aumento na velocidade dos pensamentos e, conseqüentemente, uma compulsão por novos estímulos, para tentar aliviá-la. O princípio é o mesmo que ocorre com a dependência psicológica das drogas, mas menos intenso. Na escola, os portadores da SPA se agitam na cadeira, têm conversas paralelas, não se concentram e mexem com os colegas numa tentativa de

aliviar a ansiedade gerada pela SPA, pois eles adquirem uma dependência por novos estímulos. Segundo Cury (2003),

“quem pensa muito rouba energia vital do córtex cerebral e sente uma fadiga excessiva, mesmo sem ter feito exercício físico. Este é um dos sintomas da SPA. Os demais sintomas são sono insuficiente, déficit de concentração, aversão à rotina e, às vezes, sintomas psicossomáticos, como dor de cabeça, dores musculares, taquicardia, gastrite” (CURY, 2003, p. 60).

Assim, lembram os autores que a opção abolicionista em relação à TV não é a correta, e que os educadores devem se conscientizar de que irão se deparar com alunos que são consumidores assíduos de programas de televisão.

11. As influências neurológicas da TV

Susan R. Johnson, mãe e pediatra, começou a notar que seu filho, antes de ver TV, brincava ao ar livre, observava insetos, construía

“castelos de areia, em paz consigo mesmo, com seu corpo e com seu ambiente. Enquanto via TV, tornava-se indiferente a tudo que ocorria ao seu redor, parecendo grudado à tela. Quando desligava o aparelho, ele se tornava ansioso, nervoso e irritado. Sua forma de brincar passava a ser caótica; seus movimentos, impulsivos e sem coordenação. Em vez de criar suas próprias brincadeiras, ele simplesmente encenava o que havia assistido” (JOHNSON, s/d, p. 01).

Mais tarde ela passou a observar seis crianças com dificuldades de leitura, entre oito e onze anos, no Centro de Saúde Escolar. Quando ela lhes mostrava uma série de letras, as crianças conseguiam identificá-las. Mas, quando lhes pedia para escreverem uma determinada letra de cabeça, sem nenhum estímulo visual, elas não conseguiam, pois não conseguiam construir imagens mentais de letras ou palavras. Então, após pesquisar a vida delas, a Doutora soube que todas gastavam grande parte de seu tempo assistindo a televisão ou jogando jogos de computador.

“Miles Everett, Ph.D., no livro How Television Poisons Children's Minds (Como a televisão envenena a mente das crianças) nos faz notar que não permitimos a nossos filhos que conversem com estranhos. Mesmo assim permitimos que estranhos entrem em nosso lar através da TV. [...] Mais importante que isso, várias investigações [...] têm apontado para o fato de que o simples ato de ver TV é mais prejudicial ao desenvolvimento do cérebro que o conteúdo apresentado” (EVERETT, 1997; HEALY, 1990; PEARCE, 1992; WINN, 1985 apud JOHNSON, s/d, pp. 01-02).

“Os bebês nascem com cerca de dez bilhões de células nervosas – os neurônios – e passam os três primeiros anos de vida adicionando células gliais para auxiliar e nutrir tais neurônios” (JOHNSON, s/d, p. 02). Nas adequadas condições, esses neurônios são capazes de se interconectar por meio de suas ramificações –

os dendritos e o axônio. *"O cérebro de uma criança de seis ou sete anos tem uma enorme capacidade de construir conexões entre seus neurônios. Tal capacidade se desenvolve até meados dos onze anos"* (JOHNSON, s/d, p. 02).

"Na criança, há um desenvolvimento progressivo do cérebro a partir de sua parte mais primitiva – núcleo cerebral ou cérebro reptiliano -, ligado à ação; continuando pela região límbica – dos mamíferos -, responsável pelas emoções; e finalmente chegando no neocórtex – o cérebro humano -, ligado ao intelecto. Há períodos críticos para o desenvolvimento de cada uma dessas partes, nos quais os estímulos corretos devem ser oferecidos à criança" (JOHNSON, s/d, p. 02).

Healy (1990, citada por JOHNSON, s/d) afirma que a ponte entre o primitivo cérebro das ações e o desenvolvido cérebro do intelecto é provida pelo cérebro das emoções, permitindo a colaboração entre eles. Os cérebros das ações (núcleo cerebral) e o cérebro das emoções (região límbica) não conseguem distinguir as percepções reais das imaginárias. *"Nosso neocórtex representa a mais alta e mais nova forma de intelecto. Ele recebe as informações provenientes das demais partes cerebrais e as processa de forma objetiva"* (JOHNSON, s/d, p. 02). Pearce (1992, citado por JOHNSON, s/d, pp. 02-03), considera que,

"em contrapartida, o cérebro do intelecto necessita de mais tempo para processar as imagens fornecidas pelos outros cérebros. É também nessa parte do cérebro que nossas percepções, experiências, lembranças, sentimentos e raciocínios são combinados para formar "idéias" e "atos", provendo o pensamento criativo, o raciocínio lógico-matemático e, se desenvolvidos, simpatia, empatia, compaixão e amor" (JOHNSON, s/d, pp. 02-03).

"O cérebro da criança passa por um desenvolvimento seqüencial, uma mielinização das vias neurais a partir de sua parte mais primitiva, até atingir a parte mais evoluída. Mielinização envolve a cobertura dos axônios e dendritos neurais com uma capa protetora lipoproteica. Quanto mais se utiliza a via neural, mais mielina é adicionada a ela. Quanto mais espessa a camada de mielina, mais rápido viajam os impulsos neurais. Por essas razões, é imperativo que a criança receba de seus ambientes estímulos apropriados, como forma de nutrir cada uma das partes de seu cérebro e promover a mielinização de novas vias neurais" (JOHNSON, s/d, p. 07).

Além disso, as crianças também necessitam de experiências que estimulem e integrem seus sentidos básicos de visão, audição, paladar, olfato e tato. Por outro lado, esses sentidos precisam ser protegidos de estimulação excessiva, pois as crianças são como esponjas, elas absorvem tudo que recebem.

"A estimulação e o desenvolvimento de nossos órgãos do sentido são os precursores do desenvolvimento de outra parte de nosso cérebro da ação, chamada de sistema ativador reticular ascendente (SARA). Além de coordenar as impressões dos diversos órgãos sensoriais entre si, o SARA nos permite prestar e manter a atenção. Resulta disso que deficiências nas conexões motor-sensórias acarretam, também, dificuldades na habilidade de concentração.

Aos quatro ou cinco anos, a criança já possui os cérebros da ação e da emoção altamente mielinizados. Após os seis anos, o desenvolvimento se volta para o neocórtex, sendo que a mielinização se inicia no hemisfério direito, que é a parte mais intuitiva e, particularmente, responde às imagens visuais [...] Estudos mostram ser esse o hemisfério dominante quando se assiste a TV.

O hemisfério esquerdo tem mais atividade quando a criança lê, escreve e fala, sendo especializado no pensamento analítico, seqüencial e lógico.

[...] Entre os dois hemisférios cerebrais existe, ainda, o corpo caloso, um feixe nervoso que conecta e permite a coordenação dos dois lados. Esse feixe de nervos é uma das últimas partes do nosso cérebro a amadurecer, sendo necessárias, para sua mielinização, atividades motoras grossas (pular corda, subir em árvores, correr, brincadeiras de roda) e finas (desenho de formas, tricô, modelagem, origami, bordado). Com ambos os hemisférios cerebrais desenvolvidos e se comunicando adequadamente por meio do corpo caloso, possibilitam-se a manipulação mais flexível de idéias e a imaginação criativa – a união entre os pensamentos analíticos e intuitivos.

É o uso que torna as vias neurais mielinizadas: movimentos corporais combinados com estímulos sensoriais contribuem para construção de fortes conexões neurais" (JOHNSON, s/d, p. 03).

Mas então, o que na televisão é tão prejudicial à criança? Primeiramente, o simples fato de se ter o hábito de ver televisão já é uma privação de estímulos sensoriais múltiplos. Healy (1990 citada por JOHNSON, s/d) afirma que "A capacidade de construção de vias neurais diminui cerca de 25% se a criança não é tocada, se não se conversa com ela, se não se permite a ela brincar" (JOHNSON, s/d, p. 04). A televisão apenas estimula dois sentidos, a audição e a visão. Além disso, a pobre qualidade do som reproduzido por ela, "aliada às imagens ofuscantes,

coloridas e fosforescentes emitidas pela tela, causa problemas no desenvolvimento funcional dos órgãos associados a esses dois sentidos" (JOHNSON, s/d, p. 04).

Ainda, Mander (1978 citado por JOHNSON, s/d, p. 04) afirma que

"a acuidade visual e a visão binocular completa (tridimensional) não estão inteiramente desenvolvidos até os quatro anos de idade, enquanto as formas produzidas na tela são desfocadas (formadas por pontos luminosos) e bidimensionais, o que restringe nosso campo de visão à tela unicamente. As imagens da TV são produzidas por um canhão de raios catódicos que atira elétrons contra cristais de fósforo (substância fosforescente) existentes na tela. O brilho do fósforo e sua luz pulsante, artificialmente gerada, são diretamente projetados em nossos olhos, afetando as secreções de nosso sistema neuroendócrino" (JOHNSON, s/d, p. 04).

Johnson completa, de acordo com pesquisas realizadas pelo Institute of Environmental Health Sciences, afirmando que a televisão, como qualquer outro aparelho eletrônico, produz ondas eletromagnéticas invisíveis. E que essas pesquisas chegaram à conclusão de que existem evidências de que tais ondas podem ser potencialmente cancerígenas. *"Em relatórios da instituição, recomenda-se que crianças se sentem a, pelo menos, um metro e meio de distância da TV e a meio metro da tela do computador" (JOHNSON, s/d, p. 04).*

"Crianças que vêem muita TV não dilatam adequadamente suas pupilas, mostram pouco movimento ocular e deficiência nos movimentos sacádicos dos olhos (o salto necessário para ir de uma linha a outra no texto). O enfraquecimento dos músculos oculares pela falta de uso pode impactar negativamente a habilidade e a capacidade de ler. Além disso, nossa capacidade de focalizar e prestar atenção depende desse sistema visual: dilatação da pupila, busca e acompanhamento são funções do SARA. O SARA é o portal de entrada aos hemisférios direito e esquerdo. É ele que determina no que prestamos atenção e está associado à concentração da criança. O SARA não está em operação quando a criança vê TV. Um cérebro inferior inadequadamente integrado não consegue acessar adequadamente o cérebro superior.

[...] Mais que isso, as rápidas mudanças de imagens que ocorrem na televisão (a cada cinco ou seis segundos em muitos programas, e de dois a três segundos em comerciais) não dão a oportunidade para o cérebro superior processar as informações.

[...] Outro problema da TV é que as cores por ela produzidas são quase que exclusivamente processadas pelo hemisfério direito do cérebro. Com isso, a operação do hemisfério esquerdo é diminuída, e o corpo caloso

(a via de comunicação entre os dois hemisférios) torna-se, então, pouco utilizado e mielinizado” (JOHNSON, s/d, pp. 04-05).

Diferentemente das atividades comuns do dia-a-dia, como *“comer até se sentir satisfeito, ou de dormir até não estar mais cansado, ver televisão não implica uma meta a ser atingida, não possui ponto final, ela faz com que a criança queira mais e mais, nunca se satisfazendo”* (JOHNSON, s/d, p. 05).

Nosso cérebro se atenta para novidades, voltando a repousar sob estímulos repetitivos. Assim, muitos programas da televisão têm tentado

“evitar a tendência ao repouso cerebral, aumentando a frequência na mudança de imagens, usando cores pulsantes, close-ups e sons altos e alarmantes. Esse tipo de distração prende nossa atenção momentaneamente, mas nos mantém operativos nas partes inferiores do cérebro. Estas não conseguem distinguir entre imagens que são reais e aquelas criadas pela TV – esse discernimento é tarefa do neocórtex. Portanto, quando a TV apresenta close-ups repentinos e luzes piscando como estímulos, [...] os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea aumentam e o fluxo de sangue aos membros se acelera, com preparação para essa aparente situação e emergência. Como tudo isso acontece sem os movimentos correspondentes dos braços e pernas, certos programas de TV nos colocam em um estado crônico de ansiedade e estresse.

Por último, quando estímulos visuais e auditivos são simultaneamente apresentados ao cérebro, nós preferencialmente nos atemos aos visuais.

[...] Talvez o argumento mais contundente contra assistir televisão seja o fato de que ela afeta as três características que nos distinguem como seres humanos. Nos três primeiros anos de vida, a criança aprende a andar, a falar e a pensar. A televisão, por sua vez, nos mantém sentados, deixa pouco espaço para conversar com significado e prejudica seriamente nossa habilidade de pensar” (JOHNSON, s/d, pp. 05-06).

Nós nos desligamos do mundo real quando assistimos TV. E a televisão projeta imagens que vão diretamente ao cérebro da emoção (cérebro límbico), e ele está relacionado à memória: as imagens que vemos na TV são sempre recordadas – conscientemente ou não. *“Com a televisão, as crianças se acostumam a não utilizar o raciocínio imaginativo e não exercitam a parte do cérebro que cria imagens. Nós sonhamos, pensamos e imaginamos as possibilidades de nosso futuro em imagens”* (JOHNSON, s/d, p. 06).

12. A Síndrome do Pensamento Acelerado

De acordo com os pesquisadores ingleses Himmelweit, Oppenheim e Vince, citados por Carvalho (1997), a televisão pode incentivar na criança uma preferência pela vida fabricada, incapacitando-a para emoções autênticas. Isto ocorre, segundo Marie Winn (1977), citada pela autora, aos efeitos semi-hipnóticos e criadores de dependência, devido ao ato de contemplar a televisão, pois seus estímulos podem alimentar um vício. E esse vício pode gerar cansaço mental, excesso de carga emotiva, danos nos olhos, poucas horas de sono (se assistirem até tarde a programação), e, talvez, baixa no desempenho escolar.

"Mary Winn, jornalista especializada norte-americana, lançou, recentemente, o livro The plug in drug (a droga de ligar), mostrando que a dependência psíquica das crianças americanas em relação à TV é um fenômeno semelhante à dependência dos viciados em relação às drogas químicas; concluindo que a TV é, acima de tudo, um vício" (WINN, 1977 apud TEIXEIRA, 1987, p. 19).

"Marie Winn atribui ao ato de contemplar a televisão (qualquer programa de televisão: que isto fique claro) efeitos semi-hipnóticos e criadores de dependência, apoiando-se no estudo científico dos mecanismos cerebrais de percepção. A periodista norte-americana baseia-se na atual concepção segundo a qual os dois hemisférios cerebrais seriam sede, o esquerdo, do pensamento lógico-verbal, e o direito, do pensamento espacial, especialização que teria correlação com a existência de uma memória visual (espacial) e uma memória verbal. O estímulo desigual de ambos os hemisférios – resultado de se ver televisão – antes da especialização definitiva dos mesmos, aos doze anos, poderia ter, nesta perspectiva, consequências irreversíveis" (WINN, 1979 apud ERAUSQUIN, 1983, p. 18).

A Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) gera uma hiperatividade funcional não-genética, e uma de suas causas é o excesso de estímulos visuais e sonoros produzidos pela TV, os quais atingem o emocional de seus telespectadores; e o excesso de informações. Uma criança de sete anos hoje tem mais informações do que um idoso de setenta anos há um ou dois séculos atrás. Pois, antigamente, o

conhecimento dobrava em dois ou três séculos, mas hoje, ele dobra a cada cinco anos. Mas a SPA não atinge somente os alunos. *“De acordo com pesquisas do instituto Academia de Inteligência, no Brasil, 92% dos professores estão com três ou mais sintomas de estresse e 41% com dez ou mais”* (CURY, 2003, p. 62), o que indica que alunos e professores estão coletivamente com a SPA.

Infelizmente, os resultados desse fenômeno são graves, pois os educadores perdem cada vez mais a capacidade de produzir impactos emocionais e, assim, suas palavras não sofrem um arquivamento privilegiado o qual produz outras emoções e pensamentos que estimulam o desenvolvimento da inteligência.

13. Existe solução?

Primeiramente, Alves (2009) afirma ser fundamental unir esforços com o objetivo de desenvolver alternativas para entretenimento e ocupação do tempo de lazer, que para terem o efeito desejado, devem ser tão acessíveis quanto a televisão. Enquanto isso não se faz realidade, pais e educadores devem estar atentos, encontrarem tempo e serem criativos.

Segundo Gómez (1991), de um lado estão os que condenam a televisão e por isso consideram que as únicas formas de defender as crianças de sua influência nociva são proibir que eles assistam ou controlar totalmente os conteúdos dos diferentes canais. As crianças como telespectadores não nascem, mas se tornam, através da intervenção implícita ou explícita de diversos agentes sociais, entre eles a televisão. Contudo, alguns não são tão vulneráveis como outros, pois a influência da TV resulta de uma série de intervenções e condicionantes estruturais, contextuais e situacionais. Mas também, as crianças não estão condenadas a consumir passivamente as mensagens da TV, pois é possível formá-los como receptores críticos, melhorando as práticas de mediação ao alcance dos pais e professores. Charles (1987 citado por GÓMEZ, 1991) afirma que a criança não se posta diante da TV com a mente em branco e absorve invariável e irremediavelmente as mensagens que lhe são apresentadas. Ao contrário, pois em frente ao televisor ocorre uma primeira apropriação da mensagem transmitida, e não necessariamente será definitiva, ela pode modificar-se posteriormente. Algumas das mediações familiares, segundo Lull (1981 e 1982 citado por GÓMEZ, 1991) podem ocorrer com a presença da mãe e os irmãos maiores em frente a TV, isso abre a possibilidade de comentários a cerca do que estão vendo e escutando, no qual redundam em uma

apropriação mais consciente das mensagens. Assim, de acordo com Orozco (1988 citado por GÓMEZ, 1991) a percepção familiar de sua mediação ante a TV é um fator importante que define as práticas de mediação na recepção televisiva das crianças.

"Segundo um estudo realizado por Brown e Linne (1976) a este respeito podem encontrar quatro tipos de família. 1. A "família pessimista" que não se preocupa pelo que vêm as crianças na TV; 2. A família cuja preocupação central é pela quantidade de exposição de suas crianças à TV. Este tipo de família limita o tempo que as crianças dedicam a esta atividade; 3. A família que assume uma atitude passiva. Se preocupa principalmente por julgar um rol explícito e comenta o que a criança vê na tela; 4. A "família repressiva" que tem bastante controlada a recepção televisiva no lar [...] De acordo com esta classificação, as famílias do tipo 1 e 2 são as que exercem uma prática menos mediadoras. As famílias do tipo 3 em geral são as mais afetivas em sua mediação. Supressivamente as famílias do tipo 4, que controlam bastante a recepção de mensagens no lar, tendem a produzir um efeito contrário na maioria das vezes" (GÓMEZ, 1991, pp. 117-118).

A mediação dos pais também pode ser indireta sem deixar de ser explícita ao fomentar na criança o gosto por outras formas de informação, diversão e entretenimento. E também, os professores que em classe propiciam uma discussão sobre o que as crianças viram na TV, tendem a ter alunos que são receptores mais críticos.

No livro "Os Teledependentes" (VÁZQUEZ, 1983), os autores enfatizam os casos dos alunos que são vivos, inquietos e participantes. Assim, afirmam eles ser preciso repensar o processo educacional, levando em consideração que é preciso preparar a pessoa para a vida e não para o acúmulo de informações. Desse modo, *"é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade..."* (ERAUSQUIN, 1983, p. 05). Segundo os autores, este livro pretende ajudar

"todos aqueles envolvidos em educação: pais, educadores, estudantes, comunicadores, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e,

sobretudo, professores... Pretende servir a todos aqueles que saibam que o único compromisso do educador é com a dinâmica e que uma postura estática é a garantia do não-crescimento daquele a quem se propõe educar (ERAUSQUIN, 1983, p. 05).

Erausquin, Marilla e Vázquez (1983 citados por BARROS NETA, 2001, p. 17) afirmam que as crianças que vêm televisão com muita assiduidade poderiam utilizar este tempo com leituras e brincadeiras, já que nesta fase está se processando seu desenvolvimento físico, mental e formação de hábitos e atitudes. Estes autores afirmam inclinarem-se a uma infância dotada de autonomia, que seja capaz de escolher e agir por si mesma, capazes de ligarem e desligarem o receptor em função de seus próprios critérios, cujos processos de aprendizagem se baseiem principalmente na experimentação direta, e não na mediação interessada do televisor. Apostam, também, numa televisão que renuncie a escravizar as crianças e que estimule a atividade, e não a passividade. Para eles, uma proposta a fim de tornar um telespectador infantil passivo num telespectador crítico, seria utilizando a escola como espaço fundamental para a consecução desse projeto, realizar uma leitura crítica e discussão sobre os produtos televisivos. Na perspectiva de Luria, Vygotski e Fuenzalida, os autores afirmam que

[...] A criança está estimulada a explorá-la como um meio audiovisual, com suas características próprias, a fim de que possa decodificar a linguagem televisiva e compreender o significado geral e subjacente dos conteúdos da mensagem [...] Na medida em que o telespectador for um consumidor crítico, a pressão social se fará sentir (ERAUSQUIN, MATILLA, VÁZQUEZ *apud* BARROS NETA, 2001, p. 53).

Afirmam eles que o problema fundamental não está na qualidade da programação, ou se os programas estão adaptados pedagogicamente ao público infantil, mas sim, o fato de a atividade de ver televisão exercer efeito exclusivista sobre o ócio das crianças. *“Uma situação assim inutiliza qualquer possível eficácia educativa do meio*

televisivo, ao impor à criança uma relação de dependência similar à do vício do alcoolismo ou das drogas” (ERAUSQUIN, MATILLA, VÁZQUEZ, 1983 apud BARROS NETA, 2001, p. 30). Erausquin, Marilla e Vázquez (1983 citados por BARROS NETA, 2001, p. 17), consideram que os conteúdos televisivos criam tendências agressivas, incitam o consumo, impõem valores ideológicos e culturais, e acreditam na neutralização da incidência televisiva a partir da escola.

Teixeira (1985) elabora algumas sugestões para a criança diminuir o tempo destinado à programação televisiva e passar a preencher o seu dia-a-dia com outras atividades, como, por exemplo, estimular a criança, ou o adolescente, a escolher criticamente seus programas; não ter o aparelho de televisão em lugar de destaque (embora o espaço físico ocupado pelo aparelho não determine sua função), evitando, assim, que ele condicione ainda mais a rotina diária da criança e de seus familiares, influenciando suas ações e pensamentos; com a finalidade de interpretá-los e detectar as mensagens subjacentes, proporcionar às crianças um debate crítico acerca dos programas assistidos; a oportunidade de receber outras influências, outros discursos, fazendo com que o da televisão não se sobreponha aos demais.

A escola precisa considerar os avanços tecnológicos e somá-los aos conhecimentos acumulados pela humanidade, pois professores e alunos, como telespectadores, não podem desconsiderar os meios de comunicação e o seu uso; além de a televisão ser parte integrante de um conjunto de instituições geradoras de educação e que exerce alguma influência nas pessoas. Contudo, segundo Barros Neta (2001), ela isoladamente não produz mudanças significativas na visão de mundo e no comportamento do telespectador.

"É preciso ver a relação TV / Educação como um fio no tecido de uma complexa rede de relações. Impõe-se assumir a complexidade da trama das relações existentes no processo comunicativo, porque ele não se realiza de forma unidirecional e simples. Mantida essa abordagem linear, encontrar-se-ão somente efeitos imediatos (isoláveis e mensuráveis) e diretos sobre os comportamentos" (BARROS NETA, 2001, pp. 10-11).

Teixeira (1987) afirma que no Brasil existem dois efeitos da televisão sobre as crianças, os diretos e os indiretos. Os diretos consistem no que a criança aprende quando assiste ao anúncio na TV, e os indiretos são os efeitos colaterais, pois se relacionam com os tipos de percepção da realidade social que aprende através do anúncio a que ela assiste. *"Uma das formas de defender a criança dos efeitos negativos da televisão, segundo o especialista americano Wilbur Scharam, é fazê-la sentir-se amada e segura, e tanto quanto possível, cercá-la de amigos e outras atividades"* (TEIXEIRA, 1987, p. 24). O autor pondera que seria importante aprender a conviver com a televisão, saber usar o botão de desligar. Distribuir o tempo dedicado a ela em outras atividades como as físicas, música, pintura e artesanato. Além de discutir a programação televisiva tanto em grupo, como na família e na comunidade.

Assim, Teixeira (1987) propõe recomendações para uma melhor utilização da televisão, dentre elas, ao nível familiar, como criar o hábito na criança de assistir a programas de televisão, e não a toda a programação, utilizando o botão de desligar; estimular a criança e o adolescente a escolher criticamente seus programas; não colocar o aparelho em lugar de destaque e proporcionar à criança a oportunidade de receber outras influências.

Johnson (2010) cita alguns pontos positivos para permitir o desenvolvimento mental das crianças, como, por exemplo, evitar tornar a TV o centro das atenções, e quanto ela estiver ligada, selecionar cuidadosamente os programas e assisti-los com as crianças para depois conversar com elas sobre eles. Ela incentiva, também, a

manter luzes acesas no ambiente, manter as crianças a pelo menos um metro e meio de distância da tela e tentar fazer com que elas brinquem ao ar livre após assistir aos programas. Além de ler livros e contar histórias para elas, proporcionar um convívio com a natureza, *"ela é a melhor fonte de paciência, gratidão, reverência, admiração e observação. Suas cores são espetaculares e todos os sentidos são estimulados. Natureza é real; televisão é virtual"* (JOHNSON, 2010, p. 07). E também, cuidar dos órgãos sensoriais das crianças envolvendo-as com coisas belas, boas e verdadeiras; e proporcionar atividades com significado, que permitam a criança exercitar o corpo todo. *"Todas as atividades ao ar livre, como correr, pular corda e subir em árvores, e as caseiras, como arrumar a cama, pintar e desenhar, desenvolvem as habilidades psicomotoras e mielinizam as vias neurais das crianças"* (JOHNSON, 2010, p. 07).

Uma das soluções sugeridas por Cury (2003) para aliviar os sintomas dessa síndrome é falar aos alunos com uma voz que expresse emoção, mudando de tonalidade enquanto fala. Pois, segundo ele, isso cativa a emoção dos alunos, estimula a concentração, desacelera seus pensamentos e, assim, essa fala produz um registro privilegiado na memória dos alunos. E, juntamente com essa fala deve haver música ambiente (músicas tranquilas) em uma sala de aula, pois a música alivia a síndrome do pensamento acelerado fazendo com que o conhecimento transmitido pelo professor ganhe dimensão emocional aquietando o pensamento, melhorando a concentração e a assimilação de informações. Assim, para um professor educar melhor, ele deve ter consciência de que precisa ganhar o território da emoção de seus alunos para depois conquistar o território dos pensamentos, pois a qualidade e a velocidade dos pensamentos mudaram. Pois, quando não existe emoção em uma aula, a transmissão das informações gera dispersão nos alunos.

Por isso, não se deve banir o uso da televisão, mas buscar meios para agir concomitante a ela.

14. Considerações finais

Em meio a uma séria de pesquisas, algumas divergindo, e outras convergindo a respeito das influências da televisão, não se pode ignorar que ela está fortemente inserida na sociedade moderna, e que dificilmente consegue-se viver sem ela. Nessa perspectiva, pais e professores devem ter em mente que querer bani-la da vida de nossas crianças poderia apenas provocar o contrário de sua intenção, revoltando-as e aparentando estar castigando-as por algo que elas não têm culpa alguma. Culpa esta que não se pode apontar para ninguém. A TV é uma conseqüência do desenvolvimento tecnológico, assim como o computador, o DVD, a câmera digital e a internet; e a geração atual, já desde pequena, mantém contato com essas tecnologias, as quais, assim, fazem parte intrinsecamente de seu cotidiano.

Deste modo, cabe aos pais e professores não somente considera-las ao lidar com as crianças e jovens, mas buscar acompanhar este acelerado desenvolvimento para possuir instrumentos para trabalhar não contra, mas concomitantemente a elas. Além disso, se os professores querem ter sucesso ao manuseá-las, devem também estar atentos aos papéis da memória e às influências sociais, e principalmente psicológicas e neurológicas provocadas pela TV e ter conhecimento das ferramentas necessárias para amenizar essas influências negativas que podem ser advindas da televisão.

Deve-se agir não só durante, mas antes e após o seu uso para tirar o máximo de pontos positivos que ela proporciona. Antes e continuamente, desenvolvendo desde cedo o gosto por outras formas de informação, diversão e entretenimento com alternativas para a ocupação do tempo de lazer, proporcionando uma infância

dotada de autonomia a uma criança cujos processos de aprendizagem se baseiem principalmente na experimentação direta. Segundo Johnson (2010) evitar tornar a TV o centro das atenções, ler livros e contar histórias para as crianças e proporcionar o convívio com a natureza também são atividades que podem amenizar os efeitos da televisão. Além de proporcionar atividades com significado, que permitam a ela exercitar o corpo todo, e principalmente envolve-las com atenção e carinho, com coisas belas, boas e verdadeiras. E após o seu uso, faça-las brincar ao ar livre, e sempre, dando toda a atenção que elas merecem e muitas vezes buscam na tela da TV; lembrando que com uma educação familiar e escolar bem estruturada, não há influências externas que possam prejudicar a vida das crianças.

A respeito dos objetivos desta pesquisa, pode-se considerar que eles foram alcançados, pois se pode verificar a quantidade de horas que os alunos passam na frente da TV e as influências psicológicas e neurológicas que este uso propicia a eles, gerando a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA). E ainda, pode-se encontrar algumas soluções para amenizar este problema. Mesmo com as poucas pesquisas existentes sobre este assunto, se pode estudar as diferentes opiniões acerca deste tema, e verificar que existem muitos outros fatores que circundam a vida dos telespectadores e que não podem ser desconsiderados ao analisar os efeitos da TV no seu cotidiano.

E com este extenso embasamento teórico, esta pesquisa se coloca como suporte para as pesquisas futuras buscarem dados práticos acerca deste tema, afim de elucidar ainda mais esta intrigante, complexa e desleal relação entre a TV e a escola.

15. Referências bibliográficas

ALVES, Eunice. *A influência da televisão no imaginário infantil*. 2009. Disponível em <E:\Experiências Vivas A Influência da Televisão no Imaginário Infantil.mht>. Acesso em: 24 out. 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A cultura do ouvir. In: *Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia*, p. 01-28, 1997. Disponível em <<http://www.radioeducativo.org.br/artigos/norval.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2010.

BASTOS, Laura. *A criança diante da TV. Um desafio para os pais*. Petrópolis: Ed. Ozes, 1988.

BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro (autor). *A influencia da TV na educação de crianças e adolescentes*. Cuiaba: UFMT, 2001.

BORELLI, S. H. S. Jovens em São Paulo: lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV. In: *Revista Nómadas. La singularidad de lo juvenil*. Bogotá, DIUC, Universidad Central, n. 13, p. 92-97, out. Disponível em: <<http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/11-15/pdfsNomadas%2013/7-jovens.PDF>>. Acesso em: 18 set. 2010.

CARVALHO, Lucimeire de; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (co-aut.). *Estudo referente as possíveis influencias da programação televisiva em crianças em idade pré-escolar*. Campinas, [SP: s.n.], 1997.

CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ERAUSQUIN, M. Afonso; Matilla, Luis e Vazquéz, Miguel. *Os teledependentes*. São Paulo: Ed. Summus, 1983.

FERRARI, Bruno. Televisão: por que ela ainda é influente e ajuda as pessoas. *Época*. 2010, n. 623, pp.76-78.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos. Adolescente com compulsão de assistir TV: relato de caso. *Revista psiquiatria do Rio Grande do Sul* [online]. 2006, vol.28, n.2, pp. 211-214.

GÓMEZ. Guillermo Orozco. Mediaciones familiares y escolares en la recepción televisiva de los niños (Algunos hallazgos recientes). In: *Comunicación y Sociedad*, n. 13, pp 113-129, sep./dic. 1991. Disponível em

<http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/comsoc/pdf/13_1991/113-129.pdf>.

Acesso em 24 out. 2010.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão.* Disponível em:

<http://www.nre.seed.pr.gov.br/pontagrossa/arquivos/File/Equipe%20de%20Ensino/CGE/INFLUENCIA_DA_TV.pdf>. Acesso em.: 28 ago. 2010.

JOHNSON, Susan R. *A TV e o desenvolvimento mental de nossas crianças, estranhos em nossos lares.* Tradução livre por Edigar Alves. Disponível em:

<http://www.bercosdavid.com.br/artigos_doc/tv.doc>. Acesso em: 24 out. 2010.

PARANÁ, Ordem dos Advogados do Brasil.

PIRES, Juliana. A ansiedade infantil e audiência aos programas violentos da televisão. In: *Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo*,

Universidade Metodista de São Paulo, n. 2, jul./ago. 2004. Disponível em:

<<http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/audiencia.pdf> >. Acesso em 18 set. 2010.

TEIXEIRA, Luiz Monteiro. *A criança e a televisão. Amigos ou inimigos?* 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.